

**PET Indígena**

11 de junho de 2020 · 🌐



Me chamo Odair Jeanjacque, indígena da etnia Galibi Kalin'ã e Karipuna, enfermeiro da saúde indígena do DSEI Amapá e Norte do Pará. Moro na zona urbana de Oiapoque. No início do isolamento social segui todas as recomendações da OMS, porém, no final de março, tive que me deslocar para a capital do Estado e, no retorno para Oiapoque, eu e minha namorada acabamos nos contaminando com o COVID-19. Fui o primeiro indígena do Estado do Amapá a ser contaminado com o vírus. Desde os primeiros sintomas já sabíamos do que se tratava. Mas só tive a confirmação com 12 dias, através do teste rápido.

Foram dias difíceis, passamos 21 dias em quarentena. Não precisamos ser hospitalizados, mas fizemos todo o acompanhamento necessário. Após reavaliação médica, dia 02/05, fui liberado para retornar ao trabalho. Lotado na CASAI-Oiapoque, voltei gradativamente, pois as sequelas do vírus ficaram: cansaço, dispneia... Mesmo assim, o trabalho não pode parar!

Sempre preocupado com a entrada do vírus na área indígena, me mantinha atento a qualquer informação vinda de lá. Assim que houve o primeiro indício de caso suspeito na área indígena fui convocado pelo DSEI para fazer parte da Equipe de Intervenção ao COVID-19. O primeiro relato foi de uma gripe forte na Aldeia Lençol. Fomos lá e coletamos material biológico para a realização do teste rápido. E o que mais temíamos aconteceu: o vírus chegou nas aldeias. Logo aconteceu reação em cadeia, constatei que já haviam casos nas Aldeias Kumarumã e Manga, depois Kumenê, Santa Izabel, Espírito Santo e, logo depois, nas Aldeias da BR. Na primeira ação, que foi realizada, na Aldeia Kumarumã, detectamos que não se tratava de um caso isolado, mas sim de transmissão comunitária, que já haviam inúmeros casos em todas as aldeias. Ao retornar, através da Portaria DSEI/AMP Nº11 de 03 de junho de 2020, fui nomeado Responsável Técnico do Distrito Sanitário Especial Indígena - Amapá e Norte do Pará, no município de Oiapoque.

A responsabilidade aumentou, mas minha dedicação e o amor pelo que faço continuam os mesmos. Continuei fazendo a busca ativa dos casos de COVID-19 nas áreas indígenas da região do rio Oiapoque e, mais uma vez, encontrei o cenário de transmissão comunitária, inclusive na minha aldeia, Galiby. Então veio a confirmação dos primeiros casos nas Aldeias do Parque do Tumucumaque e, por fazer parte da equipe de intervenção, hoje estou aqui, na Aldeia Missão Nova, onde vivem os parentes da etnia Tiriyo. O cenário é bem parecido com os das outras aldeias, transmissão comunitária.

Estou há mais de um mês que não sei o que é dormir tranquilo. Dormindo tarde e acordando às 5h da manhã para dar continuidade a missão. Subindo e descendo rios e cachoeiras para chegar aos destinos. A missão é desgastante e cansativa, mas saber que estou ajudando os meus parentes é gratificante. Sou índio, sou enfermeiro e estou na linha de frente na luta contra o COVID-19.

Aldeia Missão Nova, Parque do Tumucumaque, Amazônia, Brasil.
10 de junho de 2020.

#OPETNãPara #PetIndígena #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena

Je m'appelle Odair Jeanjacque, je suis indigène de l'ethnie Galibi Kalin'ã et Karipuna, infirmier de la santé indigène du DSEI Amapá et Nord de Pará. Je vis dans la zone urbaine de Oiapoque. Au début de l'isolement social, j'ai suivi toutes les recommandations de l'OMS, cependant, à la fin de Mars, j'ai dû me déplacer dans la capitale de l'état, et au retour pour Oiapoque, ma copine et moi avons été contaminés par le COVID-19. J'ai été le premier indigène de l'État d'Amapá à être contaminé avec le virus. Durant les premiers symptômes, nous savions déjà de quoi il s'agissait. Mais j'ai eu la confirmation seulement après 12 jours, à travers le test rapide.

C'étaient des jours difficiles, nous avons passé 21 jours en quarantaine. Nous n'avons pas eu besoin d'être hospitalisés, mais nous avons fait tout l'accompagnement nécessaire. Après une réévaluation médicale, le 02/05, j'ai été libéré afin de pouvoir retourner au travail. Surchargé à la CASAI-OIAPOQUE, j'y suis retourné progressivement, parce que les séquelles du virus étaient : fatigue, dyspnée.... mais même ainsi, le travail ne peut pas s'arrêter !

Étant toujours préoccupé avec l'entrée du virus dans la zone indigène, j'étais attentif à toute information provenant de là. Ainsi qu'il eut le premier cas suspect dans la zone indigène, j'ai été convoqué par le DSEI pour faire partir de l'Équipe d'Intervention du COVID-19. Le premier récit fût une forte grippe provenant du village Lençol. Nous étions allés et avons collecté du matériel biologique pour la réalisation de test rapide. Et ce dont nous avons peur est arrivé : le virus est arrivé dans les villages. Ensuite une réaction en chaîne a commencé, j'ai remarqué qu'il y avait déjà des cas dans les villages Kumarumã et Manga, après Kumenê, Santa Izabel, Espírito Santo et, juste après, dans les villages du BR. Dans la première action qui a été faite, dans le village de Kumarumã, nous avons détecté qu'il ne s'agissait pas d'un seul cas isolé, mais plutôt d'une transmission communautaire, qu'il y avait déjà de nombreux cas dans tous les villages. Au retour à travers la note de service DSEI/AMP N°11 du 03 Juin 2020, j'ai été nommé Responsable Technique du District Sanitaire Spécial Indigène - Amapá et Nord de Pará, dans la municipalité de Oiapoque.

La responsabilité a augmenté, mais mon dévouement et l'amour pour ce que je fais sont restés les mêmes. J'ai continué la recherche active des cas de COVID-19 dans les zones indigènes de la région de la rivière de Oiapoque, et une fois de plus, j'ai revu le même scénario de transmission communautaire, y compris dans mon village, Galiby. Ainsi est venue la confirmation des premiers cas dans les Villages du Parc de Tumucumaque et, faisant partie de l'équipe d'intervention, je me retrouve ici dans le village Missão Nova, où vivent les parents de l'ethnie Tiryó. Le scénario est très similaire avec celui des autres villages, transmission communautaire.

Cela fait plus d'un mois que je ne sais plus ce que c'est que dormir tranquille. Dormir tard et se réveiller à 05h du matin pour continuer la mission. Monter et descendre les rivières et les chutes d'eau pour arriver à destination. La mission est épuisante et fatigante, mais savoir que j'aide mes parents est enrichissant. Je suis indigène, je suis infirmier et je suis dans la ligne de front de la lutte contre le COVID-19.

Village Missão Nova, Parc de Tumucumaque, Amazonie, Brésil.

10 Juin 2020

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndigena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndigena](#)

My name is Odair Jeanjacque, from the Galibi Kalin'ã and Karipuna indigenous people. I am an indigenous nurse of the DSEI(Special Indigenous Health District) in Amapá and Norte of Pará. I live in the urban area of Oiapoque. At the beginning of social isolation, I followed all the WHO recommendations, however, in late March, I had to move to the capital and, on my way back to Oiapoque, my girlfriend and I ended up being contaminated with COVID-19. I was the first indigenous person in the state of Amapá to be infected with the virus. From the first symptoms, we already knew what it was about. But I only got the confirmation after 12 days, through the rapid test.

Those were difficult days, we spent 21 days in quarantine. We didn't need to be hospitalized, but we did all the necessary monitoring. After medical reevaluation, on May 2nd, I was released to return to work. I had to return gradually to my work at CASAI-Oiapoque (Indigenous Health Support Center), because I still was feeling some sequels of the virus: tiredness, dyspnoea... Even so, work cannot stop!

I have been always concerned about the virus getting to the indigenous area, so I used to keep an eye out for any information coming from there. As soon as there was the first indication of a suspicious case there, I was invited by DSEI to be part of the COVID-19 Intervention Team. The first report was of a strong flu in the Lençol Village. We went there and collected biological material for the rapid test. But what we feared the most ended up happening: the virus got in the villages. Rapidly, there was a chain reaction, we found new cases in the Kumarumã and Manga Villages, then Kumenê, Santa Izabel, Espírito Santo and in the villages near to the highway. In our first action at Kumarumã Village, we detected that it was not an isolated case, but a community transmission which caused numerous cases in all villages. After returning, I was chosen to take charge as a Technical Responsible of the Special Indigenous Sanitary District - Amapá and North of Pará, through the ordinance DSEI/AMP number 11 of June 3, 2020 in Oiapoque.

My responsibility has increased, but my dedication and love for what I do remains the same. I continued to actively search for COVID-19 cases in the indigenous areas of the Oiapoque River region and, once again, I found the scenario of community transmission, including in my village Galiby. Afterwards, we had the first cases in the villages of Tumucumaque Park and, since I am part of the intervention team, I am here today, in the Missão Nova village, where my relatives of the Tiriyo ethnic group live. The community transmission scenario is pretty similar to the other villages.

I have been sleeping for more than a month without the feeling of being in peace. I have been sleeping late and waking up at 5 am to continue the mission. Up and down through rivers and waterfalls to reach the destinations. The mission is exhausting and tiring, but the fact that I am helping my relatives is rewarding. I'm an indigenous, I'm a nurse and I'm part of the forefront team against COVID-19.

Missão Nova Village, Tumucumaque Park, Amazon, Brazil.

June 10, 2020.

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

[#OPETNãPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Soy Odair Jeanjacque, indígena de la etnia Galibi Kalin'ã y Karipuna, enfermero en salud indígena de Distrito Sanitario Especial Indígena - DSEI Amapá y el Norte de Pará; vivo en la zona urbana de Oiapoque. Al principio del aislamiento social, seguí todas las recomendaciones de la OMS (Organización Mundial de la Salud), pero, a finales de marzo, tuve que mudarme a la capital del Estado y, al regreso para Oiapoque, mi enamorada y yo terminamos siendo contaminados por Covid-19. Fui el primer indígena del Estado de Amapá en contaminarse con el virus, desde los primeros síntomas supimos de qué se trataba, mas solo tuve confirmación después de 12 días, a través de la prueba rápida.

Han sido días duros, pasamos 21 días en cuarentena; no necesitamos ser hospitalizados, pero hicimos todo el seguimiento necesario. Después de la reevaluación médica (día 02/05), me liberaron para volver al trabajo. Abarrotado en CASAI-Oiapoque (Casa de salud indígena), regresé poco a poco, porque las secuelas del virus eran: cansancio, disnea... ¡Aun así, el trabajo no puede parar!

Siempre preocupado por la entrada del virus en la zona indígena, me mantuvo atento a cualquier información que procediera de allí. Tan pronto como hubo la primera indicación de un caso sospechoso en la zona indígena, fui convocado por el DSEI para formar parte del Equipo de Intervención al Covid-19. El primer informe fue de una fuerte gripe en la aldea de Lençol; fuimos y recogimos material biológico para la prueba rápida, y, lo que más temíamos sucedió: el virus llegó a las aldeas. Pronto hubo una reacción en cadena, me di cuenta de que ya había casos en las aldeas de Kumarumã e Manga, luego Kumenê, Santa Izabel, Espírito Santo y, poco después, en las aldeas de la BR. En la primera acción, que se llevó a cabo, en la aldea Kumarumã, detectamos que no había ningún caso aislado, sino de transmisión comunitaria, que ya tenía numerosos casos en todas las aldeas. Al regreso, a través de la Ordenanza DSEI/AMP N° 11 del 3 de junio de 2020, fui nombrado Responsable Técnico del Distrito Sanitario indígena Especial – Amapá y Norte de Pará, en el municipio de Oiapoque.

La responsabilidad aumento, pero mi dedicación y amor por lo que realizo siguen siendo los mismos. Continué buscando activamente casos de Covid-19 en las zonas indígenas de la región del rio Oiapoque y, una vez más, encontré el escenario de transmisión comunitaria, inclusive en mi aldea, Galiby. Luego llego la confirmación de los primeros casos en las aldeas del Parque Tumucumaque y, siendo parte del equipo de intervención, hoy estoy aquí, en la aldea Missão Nova, donde viven los familiares de la etnia Tiriyó. El escenario es muy similar a los de las otras aldeas, transmisión comunitaria.

No sé lo que es dormir tranquilo por más de un mes. Dormir tarde y despertarse 5:00 de la mañana para continuar con la misión. Subir y bajar ríos y cascadas para llegar a los destinos. La misión es agotadora y cansada, per saber que estoy ayudando a mis parientes es gratificante. Soy indio, enfermero y estoy en la primera línea en el combate contra el Covid-19.

Aldea Missão Nova, Parque de Tumucumaque, Amazonia, Brasil, 10 de junio de 2020.

Traducido por Carlos Armando Reyes Flores

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)



PET Indígena

Site educacional

[Enviar mensagem](#)

   136

23 comentários 84 compartilhamentos